

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E FAVELADA, NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

THE REPRESENTATION OF THE BLACK AND SLUM WOMAN IN THE AUTOBIOGRAPHICAL WRITING OF CAROLINA MARIA DE JESUS.

Karen Alves Domingos

Universidade Estadual de Goiás
karenalvesdomingos@gmail.com

Fabiana Souza Valadão de Castro Macena

Universidade Estadual de Goiás
fabivaladao@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo iluminar a escrita de autoria feminina a partir do livro *Quarto de despejo* (1960) de Carolina Maria de Jesus, levando em consideração a manifestação da mulher no âmbito da escrita, percorrendo o caminho que esse gênero precisou atravessar até conseguir seu espaço ou parte dele (DUARTE e PAIVA, 2009). Ao analisarmos a trajetória da inserção das mulheres na literatura, percebemos que para deter o saber era necessário ter acesso à educação, ao conhecimento e também ser valorizado socialmente (DUARTE E PAIVA, 2009). Nesse sentido, temos Carolina Maria de Jesus, que embora pouco escolarizada, foi capaz de perceber a literatura como uma forma de emergir na sociedade, ser reconhecida e mudar de vida. Interessa-nos esta autora também por ser ela negra, sentença suficiente para permanecer fora da categoria de grandes escritores (ARRUDA, 2015) e somando-se a esses aspectos há um terceiro ponto: pobre, a autora representa, pois, o tripé da subalternidade (SPIVAK, 2010). As memórias da autora em *Quarto de despejo*, trazem à tona o desejo de ter voz e ser ouvida, representando todos que, como ela são subalternizados socialmente. No sentido, pois, de abranger todas essas questões, utilizamos em nosso trabalho o método de pesquisa bibliográfica amparada pelos pressupostos teóricos de Gayatri Spivak (2010), em relação à subalternidade; de Duarte e Paiva (2009) quanto à produção escrita de autoria feminina e Regina Dalcastagnè (2007) no que se refere à escrita como espaço de resistência.

Palavras-chave: Representação feminina; Carolina Maria de Jesus; Escrita literária.

ABSTRACT:

The present work aims to discuss the women's writing through the book *Quarto de Despejo* (1960) by Carolina Maria de Jesus, taking into account the female participation in literature, following the path that gender crossed to get space or a part of it (DUARTE e PAIVA, 2009). Throughout the insertion of women in the literature, we realize that have access to knowledge the education was necessary (DUARTE E PAIVA, 2009). In this regard, Carolina Maria de Jesus, albeit had little formal education, realizes the literature as a way to emerge within society, to be known and change her life. We have an interest in this writer because she is a black woman, which is enough to take her out of the great writers' category, according to (ARRUDA, 2015). In addition to these points, there is

another point: she is poor, the writer represents the subordinated tripod (SPIVAK, 2010). The memories of Carolina Maria de Jesus, in *Quarto de Despejo*, bring up the desire to have a voice and be listened to represent everyone who likes her are socially subordinated. Therefore, to cover all these issues, we use in our work the method of bibliographic research supported by the theoretical assumptions of Gayatri Spivak (2010), in relation to subordination; Duarte and Paiva (2009) regarding the written production of female authorship and Regina Dalcastagnè (2007) regarding the writing as a space of resistance.

Key Words: Representation of women; Carolina Maria de Jesus; literary writing

INTRODUÇÃO

A luta pela inserção das mulheres brasileiras na literatura e em outros ambientes teve início no século XIX ao levantarem a bandeira pelo direito de aprender a ler e a escrever. Até então, restrito somente ao sexo masculino.

Ao refletirmos sobre a trajetória feminina no campo da literatura, podemos constatar que houve muitas dificuldades até conseguirem conquistar seu espaço ou parte dele. Ao voltarmos nosso olhar sobre o caminho da evolução feminina na vida pública, percebemos que para dar voz a esse e a outros grupos marginalizados pela sociedade foi preciso travar diversas lutas.

DUARTE e PAIVA (2009) em seu trabalho constataam que a educação e a literatura eram os meios pelos quais a mulher poderia ter ingresso à vida pública. Como reflexo da sociedade patriarcal na qual ela estava inserida, o papel de mãe e esposa foi, durante séculos, o mais comum a ocupar. Ao tentar desconstruir esse paradigma, a mulher seria colocada em lugar de desvantagem, já que ir contra o que foi imposto socialmente significa contrariar as normas. Vale ressaltar, pois, que não se trata de afirmar que a literatura foi o único caminho, mas um deles. Tampouco estamos declarando que apenas nas funções de mãe e esposa estavam as mulheres, mas de que eram esses os perfis para elas recortados.

No contexto brasileiro, amparado pelo movimento feminista, o lugar da mulher começou a ser questionado. O primeiro direito a ser reivindicado foi a garantia de aprender a ler e escrever (DUARTE, 2011). A primeira legislação que autorizava a abertura de escolas públicas femininas foi em 1827, e foi a partir dessas mulheres que frequentaram a primeira escola voltada para o público feminino, que outras portas se abriram para suas companheiras, DUARTE (2011, p.77) aponta que:

[...] foram as primeiras ‘mulheres educadas’ de então que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, abrindo escolas, publicando livros, enfrentando a opinião corrente que insistia em dizer que mulher não necessitava aprender ler e muito menos escrever.

Percebe-se então que para a mulher alcançar seu espaço dentro do âmbito literário muito teve que ser feito. Afinal, se o direito de acessar ao conhecimento se deu tardiamente, a possibilidade de se manifestar por meio da escrita foi, conseqüentemente, tolhida.

Na tensão do momento político atual, em que direitos têm sido usurpados, trazer essa discussão para o espaço acadêmico é de extrema importância para legitimar a escrita de quem é marginalizado socialmente. É preciso dar voz e empoderamento a quem foi socialmente subalternizado, já que na maioria das vezes quem está nessa condição sequer percebe a relação de poder que outras pessoas exercem sobre ela, uma vez que essa relação de poder está naturalizada e, segundo (LÉON, 2001) conhecer esses poderes existentes é um meio para alcançar o empoderamento.

Na esteira dessas considerações, SPIVAK (2010, p.57) afirma que “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”, devido à construção ideológica de dominação masculina vigente na sociedade. A autora ainda ressalta que ser negra, mulher e pobre agrava ainda mais a situação perante o poder exercido.

Nesse sentido, nosso objeto de estudo está voltado para a escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra e pobre que encontra na literatura uma forma de emergir na sociedade e de se fazer ouvida. Nosso objetivo é verificar como essa mulher se representa e como sua fala pode legitimar outras. Por meio de nossa pesquisa, queremos trazer à tona a importância do indivíduo tornar-se sujeito vocal de sua própria história e poder participar das questões sociais que fazem parte de sua realidade.

A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA

A escrita autobiográfica, assim como o diário, as memórias, a biografia e o romance autobiográfico são elencados como pertencentes à literatura íntima. Há então uma linha tênue que separa o real e o ficcional no gênero autobiográfico, essa

incerteza que permeia o real e imaginário sempre foi uma das maiores críticas contra as narrativas de caráter pessoal.

CARNEIRO e MACIEL (2005) ponderam que os textos em forma de memória são recortes da realidade, e por isso carregam em si níveis diferentes de ficcionalidade. “É por meio da ficção que o homem repensa seu percurso e pode se transformar (CARNEIRO E MACIEL, 2005” P. 73), isso porque:

A memória e os desvãos do esquecimento são os pontos principais do texto. De fato, as inexatidões da memória, vinculadas a capacidade humana de armazenar dados, transformam os fatos em recordações por meio da linguagem e é nesse entrelaçamento entre o esquecer e o lembrar que se constrói a narrativa em questão. (CARNEIRO e MACIEL, 2005, p. 72)

HERVOT e SAVIETTO (2009) afirmam que sempre houve no homem o desejo de confirmar sua existência, e para isso ele procurou diversas formas de a fazer, dentre elas a escrita autobiográfica, que surgiu como forma de se conhecer. “[...] a escrita de si também corresponde a uma da verdade interior e a um exame de consciência” HERVOT e SAVIETTO (2009 p.25). Na esteira dessa reflexão segue o diário, gênero que tem o híbrido papel de registrar memórias particulares, mas, ao mesmo tempo, de retratar experiências coletivas e, algumas vezes, históricas¹.

Segundo CARLOS e ESTEVES (2009), a inclusão da autobiografia no sistema literário e os estudos sobre seu valor estético, começam a partir dos anos 70, com Philippe Lejune ao publicar alguns textos que tratavam da temática, e segundo LEJENE (1996, apud CARLOS e ESTEVES, 2009, p.11) a autobiografia é de fato como outras narrativas e por isso ela deve ser analisada “dentro do sistema dos gêneros literários”. Essa perspectiva vem, pois, ao encontro de nosso estudo, tendo em vista que adotamos a ótica de que o texto carolineano deve ser incluído a literatura canônica, bem como todo texto qualitativamente produzido, independente das configurações étnico-sociais, ou mesmo, de gênero em que o autor estiver incluído.

Ressaltemos que o estudo da autobiografia como gênero é recente, e ainda que Lejune defenda as “escritas de si” como pertencentes ao sistema literário, vale

¹ O *Diário de Anne Frank* é o exemplo de um diário que relata um momento histórico, uma vez que a adolescente retrata a Segunda Guerra Mundial em seus escritos. Seu diário é considerado um diário de guerra (Maciel, 2006).

salientar que ainda há uma discussão em torno da inclusão do gênero autobiográfico no cânone literário.

HERVOT e SAVIETTO (2009) amparadas pelo crítico francês Georges Gusdorf, mostram como o gênero teve surgimento nos primeiros séculos da era cristã. Elas apontam que:

Para ele [George Gusdorf], com a passagem da civilização grega para a cultura cristã, o foco central do pensamento já não se concentra mais nessa relação do homem com os cosmos, mas se dirige para o plano do universo religioso. E dessa forma, escrever sobre si é um ato de confissão em que o crente procede a um exame de consciência de seus atos diante do criador. (HERVOT e SAVIETTO, 2009, p.25)

Ainda segundo as autoras, Georges Gusdorf nomeia as formas de literatura íntima de “escritas do eu”, e ele faz duras críticas a quem quer determinar os gêneros literários como certos e errados. Em contrapartida, Paul de Man tem uma visão canônica e hierárquica dos gêneros literários, e rejeita a ideia da autobiografia como gênero:

Transformar a autobiografia em um gênero a eleva acima do status literário de mera reportagem, crônica ou memória e lhe confere um lugar, ainda que modesto, entre as hierarquias canônicas dos maiores gêneros literários. Isto não sucede sem algum embaraço, já que, comparada com a tragédia, ou com a poesia épica ou lírica, a autobiografia parece sempre ligeiramente desacreditada e auto-indulgente de um modo que pode ser sintomático de suas incompatibilidades com a dignidade monumental dos valores estéticos. (MAN, Tradução de Joca Wolff, P.2)

As autoras ainda pontuam Jean Starobinski que ao lançar um olhar estilístico, considera a autobiografia como um gênero ainda não normatizado.

É importante ressaltar que alguns estudiosos relacionam a escrita de memória à escrita feminina, pois não é difícil encontrar textos autobiográficos escritos por mulheres, e isso se deve ao fato de que as mulheres, por uma construção social, geralmente, são restringidas ao ambiente familiar e isso faz com que sua escrita verse sobre o espaço privado, uma vez que esse é o espaço que ela reconhece melhor. No tocante a essa ideia, a autora Lucia Castello Branco nos diz que:

Há relações entre feminino e memória. Como explicação para esse fato, as teorias de base histórico-sociológico são eficazes: as mulheres costumam preferir as escritas autobiográficas porque, historicamente confinadas ao

universo do lar, ao interior da casa, elas teriam encontrado nesse tipo de escrita o veículo ideal para expressão de sua vida íntima, seus desejos, suas fantasias. (BRANCO, 1991, p.30)

Há então um conflito sobre a permanência ou não da autobiografia como gênero literário, e nesse espaço de discussão temos uma escritora que por meio de suas memórias retrata a vida na favela. Segundo SOUSA (2012), no livro de Carolina Maria de Jesus *Quarto de despejo*, biografia e autobiografia se enlaçam, e conseqüentemente seu valor como literatura também é questionado. Esse mesmo autor alega que “O diário de Carolina abre o espaço para o crítico estudar e compreender a sua obra por meio da autorreflexão que a autora faz dentro dele. Sendo também uma criação estética, o cotidiano da autora, sua condição social, é fator determinante da construção literária.” (SOUSA,2012, p.147). Em suma, não é possível negar o teor literário da escrita autobiográfica. Essa obstacularização criada por alguns críticos é que fazem com que nos debrucemos sobre a tríplice marginalização, pois seriam os possíveis motivadores para que sua escrita fosse obliterada.

Como foi considerada anteriormente, a obra de Carolina Maria de Jesus também pode ser vista como um documento, pois ela traz à tona a realidade de uma favela dos anos 50. No entanto é fundamental que esse caráter não se torne restritivo, limitando sua obra ao aspecto documental. A escrita carolineana é autobiográfica e repleta de elementos importantes. Segundo CANDIDO (1976), ao analisarmos uma obra é necessário levar em conta os dados externos que a compõem. Dessa forma, como SOUSA (2012) alega, *Quarto de Despejo* vai além de seu valor de testemunho ganhando força de intencionalidade literária. FANIN e VILELA (2014, p.3) ainda ponderam que:

Depreende-se daí que as palavras não são neutras, mas carregadas de valores sociais.

Isso é perceptivelmente expressivo na construção da obra de Carolina, enquanto diário de viés autobiográfico, uma vez que as reflexões do real ali são permeadas de mediações, como classe social, ideologia, etnia, faixa etária, estilo e, ao serem representadas pelo discurso literário, refletem e refratam parte da realidade externa à autora.

Tomamos em nosso trabalho a obra de Carolina Maria de Jesus como literatura pelo seus valores estéticos e por trazer assuntos atemporais, embora tenha começado a escrevê-lo em 1955 sua temática é ainda muito recente.

A HISTÓRIA QUE VAI DE SACRAMENTO AO CANINDÉ

Carolina Maria de Jesus assim como tantas outras mulheres, encontrou na literatura um lugar para se fazer ouvida e se reconhecer como sujeito atuante da sociedade. No seu livro *Quarto de Despejo*, sua voz ecoa em forma de denúncia: "... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta sobre o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros." (JESUS, 1960, p.32). A fala de Carolina Maria de Jesus revela não somente consciência crítica quanto à realidade que a cerca, como também evidencia a capacidade de reconhecer que é preciso se manifestar ante as injustiças e desigualdades. Dessa forma, a produção de Carolina se tornou mais que um instrumento de denúncia, tornando-se um agente de transformação de sua vida.

Em seu texto, destaca-se também toda sua força e vontade de viver, descortinando uma realidade lançada à invisibilidade social e buscando formas de nela interferir, pois:

A obra de Carolina se configura em um discurso que denuncia a precariedade material e existencial do universo narrado. Tanto a temática quanto as estratégias discursivas utilizadas para narrar a vida da personagem principal, em sua luta pela sobrevivência, atestam o fato de que a obra se configura como discurso de resistência contra a pobreza, a miséria, a falta de humanidade nas relações sociais concretas. (FANIN E VILELA 2014, p.5)

Ela é, então, o retrato e a voz de muitos grupos que são socialmente marginalizados, porém contando com a distinção de dominar a escrita – ainda que em variedade informal – e de compreender a importância desta como instrumento de poder.

Compreendemos que, para fazer jus ao valor da escrita carolineana, é preciso (re)conhecer as adversidades pelas quais a autora teve que se sobrepor até alcançar o *status* que buscava: tirar da escrita seu sustento. Nasceu em Minas Gerais, Sacramento, contudo, a fim de uma vida melhor, mudou-se para São Paulo e

estabeleceu residência a priori, em Franca, e posteriormente na favela do Canindé, onde escreveu seu mais célebre livro – e objeto deste estudo - *Quarto de Despejo* (1960). A escritora trabalhava como catadora de lixo e ferro velho e teve pouco acesso à educação formal. Permaneceu morando na favela por mais de vinte anos e só após a publicação de seu primeiro livro conseguiu realizar seu grande sonho que era sair da favela. Carolina Maria de Jesus, em seu livro, relata várias vezes esse sonho, como se pode observar no trecho “... Estou residindo na favela. Mas se deus me ajudar hei de mudar daqui” (JESUS, 1960, p.17). Percebe-se que autora vê a literatura como uma forma de emersão, um caminho para realizar projetos que estão vetados àqueles que ocupam o mesmo *locus* social que ela.

Fora do cânone da literatura brasileira, Carolina Maria de Jesus representa o tripé da subalternidade, poderia então uma mulher solteira, mãe de três filhos, pobre e negra, escrever? Sem se preocupar com quem lhe poderia julgar escritora ou não, ela já se sentia escritora e acreditava que, por meio da escrita, seria capaz de mudar sua realidade, isso porque a escrita, sempre foi vista por ela, como um meio de ascensão social, como pode ser visto no trecho “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (JESUS, 1960, p.25). Assim, a literatura seria mecanismo de modificações imediatas e primárias: comida e moradia seriam algumas das necessidades básicas a serem supridas.

Em outros tempos, pessoas que gozavam de prestígio social e grandes escritores da literatura brasileira tinham o costume de reunirem-se em salões, o que, segundo DUARTE e PAIVA (2009), foi uma herança do Império, marcando, então, a participação de quem detém o poder no espaço público e excluindo a participação de grupos marginalizados, evidenciando que para o subalterno atingir seu lugar como escritor nem sempre é possível.

Aos subalternos foi oferecida pouca ou quase nenhuma educação formal o que inviabiliza e/ou limita o acesso ao espaço literário, o qual está reservado a quem domina a variedade formal da língua, ou seja, a quem pertence aos grupos sociais aos quais foram garantidos acesso à escolaridade (MACENA, 2017). Nesse sentido, verifica-se que a autora, pela baixa escolaridade, foi então afastada da literatura brasileira e “levada para o campo da literatura de testemunho” (ARRUDA, 2015, p.77). Como MACENA (2017, p.50) em seu trabalho discute “observaremos que, pela ótica

da sociedade, Carolina Maria de Jesus não é escritora, mas uma trabalhadora braçal que escreveu um diário e, momentaneamente, recebeu os créditos por uma produção testemunhal”. Essa visão é, pois, preconceituosa e discriminatória. É, no mínimo, necessário pensar que, na verdade, Carolina Maria de Jesus teve uma obra marcada pelo sucesso apenas de seu primeiro livro, justamente pelo preconceito que lhe serviu de entrave para as demais publicações realizadas e as que ainda poderiam surgir.

O espaço literário é um espaço em disputa e por isso quem detém o poder decide quem faz parte do cânone ou não DALCASTAGNÉ (2012). Entendemos assim que é necessária a discussão sobre a inclusão de grupos marginalizados no campo literário e a importância de empoderá-los para que a eles seja dada a oportunidade de legitimar sua fala, já que a literatura oferece essa possibilidade.

Contrariando a classe dominante, temos Carolina Maria de Jesus como exemplo daquela que não se restringe ao espaço que a sociedade hegemônica tenta lhe impor e que compreende o poder da escrita para a representação de seu grupo.

A autora no seu livro, ainda apresenta uma postura crítica tanto política, quanto social, mostrando que apesar de estar em condição de subalternidade, ela não se reconhece como tal.

Há em sua obra diversas passagens que nos mostram uma mulher forte e que não se conforma com a situação em que vive, como podemos identificar nos trechos: “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.” (JESUS, 1960, p. 26), “[...] Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. [...] Mas na Câmara não criou um projeto para beneficiar o favelado.” (JESUS, 1960, p. 28). A voz da autora insurge crítica e consciente, não fragilizada ou vitimista, ao contrário, “a linguagem escrita é encarada por Carolina como um refúgio da dureza cotidiana e também como uma arma de denúncia social” (FANIN e VILELA, 2014, p.11). Ela percebia as mazelas que a rodeavam e não se conformava com sua condição de subalterna, era sem dúvida a voz do (in)submisso soando.

Apesar do pouco reconhecimento que teve enquanto viva, Carolina Maria de Jesus foi e ainda é grandiosa. Seu livro *Quarto de Despejo*, virou best-seller foi vendido em quarenta países e traduzido para dezesseis idiomas. Vale ressaltar como a repercussão de sua obra, em certa medida, traduz o preconceito de que é vítima uma mulher, negra e pobre que se torna escritora. Faz-se necessário avaliar que o

fato de ter seu livro traduzido para dezesseis idiomas deveria ser o suficiente para alçá-la à condição de escritora renomada, admirada e enaltecida por seu povo.

A história de Carolina Maria de Jesus já deveria, por si só, ser passível de entusiasmo. Trata-se de uma mulher que cursou menos de três anos de ensino formal e tornou-se leitora assídua e escritora perspicaz. Trata-se de uma mãe, solteira e exercendo um trabalho desprestigiado socialmente: catadora de papel. Mas que, mesmo nessas condições, criou e educou os filhos, ciente de que o espaço da favela era o seu mais implacável inimigo. Ali seus filhos estavam sujeitos à miséria, à violência e à criminalidade das quais ela gostaria de escapar. Ela ainda tinha um projeto literário, o qual visava a publicação de seus romances e poemas. Após sua morte, outras seis obras foram publicadas a partir da compilação de seus cadernos e chama a atenção a ampliação temática de sua obra. Cabe ainda destacar que sua vida virou filme, documentário, peça de teatro e representa por aí as muitas carolinas que ainda estão encontrando seu lugar.

Chama-nos a atenção que, no espaço acadêmico – ambiente que deveria ser democrático e livre de preconceitos, ela passou a figurar, mas não desfruta ainda da aceitação de todos os críticos literários. Embora diversos artigos e teses tenham sido escritos a seu respeito, há um longo caminho de resistência a ser vencido.

Podemos então perceber que embora a tentativa de Carolina Maria de Jesus de emersão por meio da literatura tenha obtido algum resultado, este só ocorreu após sua morte e de forma parcial.

CAROLINA MARIA DE JESUS- A TRÍPLICE SUBALTERNIDADE

Carolina Maria de Jesus carrega consigo todos os adjetivos que poderiam mantê-la fora da ala de grandes escritores. Dotada de força percorreu seu caminho até que se encontrasse e a reconhecessem como escritora. Foi por meio do jornalista Audálio Dantas que sua vida deu os primeiros passos em direção à mudança, e sua inserção no ambiente literário começou a insurgir.

DALCASTAGNÉ (2012) pondera que, a literatura, assim como outros campos, são lugares de disputa e por isso estabelecem-se hierarquias, que decidem quem pode e quem não pode fazer determinadas coisas. Delimitar quem faz parte ou não da literatura só reforça o discurso de que há alguém que detém o poder, e que possui a capacidade de excluir e incluir grupos na sociedade. Partindo desse pressuposto,

tem-se o questionamento: por que dar voz aos subalternos é algo tão desafiador e incômodo?

Ao voltarmos nosso olhar para quem são os escritores prestigiados na literatura brasileira, constatamos que a maioria é composta por homens, brancos e de classe social privilegiada. Amparada por Duarte, MAZZONI (2017) aprofunda essa visão sobre os literatos, atribuindo mais uma característica a esses escritores: para que um autor seja considerado dentro do cânone é preciso também que ele esteja morto. Escritores que não se encontram nesses padrões são então considerados de menor valor ou levados à escrita de testemunho, colocando esta como uma espécie de subliteratura. Assim, o incômodo reside no rótulo em que deve se encaixar o pretense escritor e o desafio consiste em ampliar o espaço de atuação para as possíveis vozes autorais.

Diante desse cenário repleto de entraves para que a escrita autoral ocorra, temos, então, Carolina Maria de Jesus insurge aguerrida, como uma mulher que, embora contrarie todos esses requisitos, aventura no mundo das letras e torna-se o brado das camadas populares.

MAZZONI (2017), em seu trabalho, relata que a falta de reconhecimento e exclusão da escrita de autoria feminina são problemas antigos e desde o século XIX as mulheres produziam textos, porém, sua escrita não era legitimada, justamente por ser o espaço literário reservado ao sexo masculino. Causa perplexidade que ainda neste século a mulher esteja à margem do universo masculino também no que se refere à produção escrita. Acreditamos que há no ambiente acadêmico, uma possibilidade de se fazer emergir a escrita feminina, pois “não há lugar estável para a literatura produzida em condições de subalternidade e, por essa razão, as produções acadêmicas são fundamentais, uma vez que têm acesso à crítica, a qual estabelece os critérios de valoração das obras.” (MACENA, p.21, 2017). Cabe, pois, a academia não só receber a produção literária que advém de grupos marginalizados como estimular sua propagação e criar possibilidades para sua recepção.

Trazer à tona vozes como a de Carolina Maria de Jesus significa (re)avaliar o espaço que a mulher tem conseguido conquistar através do tempo.

A inclusão da mulher na literatura deu-se de forma lenta e com certas deficiências, pois a ela o direito à educação foi durante muito tempo contestado. DUARTE E PAIVA (2009, P.13) afirmam que:

[..] alguns defendiam a educação como forma de libertação da mulher, outros acreditavam que era necessária uma educação voltada à formação moral, uma educação controlada, pois, para ser mãe e esposa virtuosa, a formação do caráter seria mais importante que os conhecimentos instrutivos.

Essa tardia inserção fez com que muitas mulheres não pudessem assumir sua autoria, devido à dominação masculina vigente no campo da literatura, como MACENA (2017, p.49) pondera

A necessidade de distinguir a escrita feminina da masculina revela o preconceito sob o qual surgiu a primeira e que ainda se mantém. É preciso reconhecer que, por longo tempo, para escreverem, as mulheres precisaram esconder-se sob pseudônimos masculinos; que, ao contrário dos homens, as mulheres foram e são questionadas sobre o que escrevem e como o fazem, precisando passar pela legitimação de seu trabalho em formato diferente do que ocorre com a escrita masculina: não se trata de uma discussão estética ou estrutural, mas autoral. Em outros termos, não se trata de uma tentativa de qualificar a escrita, mas sim autorizar seus autores.

Assim, está claro que enquanto a preocupação de autoria masculina se restringe ao conteúdo, a de autoria feminina abarca as condições de produção. Faz-se necessário quebrar esse paradigma autorizando que vozes totalmente destoantes das dominantes façam parte das produções literárias, ainda que isso cause um sério desconforto às classes hegemônicas. A respeito da rejeição à escrita que advém de grupos marginalizados, DALCASTAGNÉ (2012, p.14) ressalta que “[..] a imagem não combina, simplesmente porque não é esse retrato que estamos acostumados a ver [..]”. Realça-se então, a necessidade de se discutir e insurgir a escrita de autoria não só feminina, mas advinda de qualquer grupo subalternizado a fim de reafirmar sua existência e retomar sua voz que por tanto tempo foi silenciada quase por completo, fosse por seu gênero, etnia ou classe social.

As memórias de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, trazem à tona o desejo de ter voz e ser ouvida, representando todos que, como ela são subalternizados.

LITERATURA QUESTIONADA/MARGINALIZADA

A escrita carolineana não se limita à representação da mulher e encontra intersecção com outros aspectos mais globais como etnia e classe social. Os moradores da favela são os excluídos, privados de direitos humanos básicos como saúde, habitação e comida. A autora expõe essa falta a todo momento em seu livro, como pode-se observar nos excertos: “(...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer.” (JESUS, 1960, p.30), “cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. [...] fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro.” (JESUS, 1960, p.42), “... nós somos pobres viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais.” (JESUS, 1960, p.348). Pela ausência de oportunidades, negligenciados pela sociedade e pelo Poder Público, esses indivíduos são desumanizados. Carolina Maria de Jesus em seu diário relata essa desumanização ao mencionar a morte de um menino que morreu por comer uma carne que ele encontrou no lixão: “os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: disse me: — leva, Carolina. Dá para comer. [...] no outro dia encontraram o pretinho morto” (JESUS, 1960, p.36).

É dentro desse contexto de marginalidade que a produção literária surge e oferece a oportunidade de devolver a esse grupo alguma dignidade, afinal a literatura é capaz de afirmar a humanidade do homem. Talvez, por isso, a inserção de escritores marginalizados na ala de grandes escritores nem sempre é tão fácil, como DALCASTAGNÈ (2012, p.13) alega, “daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura”. Em suma, esses homens e mulheres submetidos a situações desumanas despertariam qualquer sentimento aos escritores celebrados pela crítica, menos o de paridade.

OLIVEIRA (2011, p.31) afirma que “marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas estéticos vigentes”, e é isso que se pode observar na escrita de Carolina Maria de Jesus. As produções consideradas marginais e periféricas têm como maior significado o de representação de grupos socialmente excluídos da sociedade.

Trata-se então de uma literatura totalmente destoante da encontrada dos cânones, trata-se de escritores que não tiveram o mesmo acesso à escola, aos livros e à cultura predominante. Incluído nessa perspectiva, temos o domínio da norma

padrão da língua como motivo para exclusão dos indivíduos, e como instrumento de poder, classificando-os em pertencentes ou não à classe hegemônica. Esse é mais um motivo para que a escrita carolineana fosse questionada, já que era uma escritora semianalfabeta, detendo pouco domínio da norma culta, o que enfatiza seu lugar de subalternidade. No que tange a essa ideia, MACENA (2017, p.31) considera que

[..] caso a autora dominasse a estilo prestigiado e não usasse, isso seria compreendido como um dos pontos estéticos apreciáveis do texto, conferindo a seu autor a capacidade de se lançar no lugar do outro, representando-lhe, *fielmente*, a realidade.

Em outras palavras, o emprego da variedade informal da língua está autorizado desde que intencional. A rejeição decorre do fato de que a autora não domina as normas, o que denuncia seu lugar de fala, confirmando então a escrita como fator identitário. Embora a autora tenha total propriedade sobre o tema que aborda e tenha completa habilidade discursiva para desenvolver seu texto, impera sobre si e sua produção o preconceito, afinal,

A linguagem caroliniana, contraditoriamente feita de anacronismo literário por imitação dos poetas românticos, como Casimiro de Abreu, e do testemunho de um membro das camadas subalternas de nossa sociedade, narrado a partir do ponto de vista de baixo, não cabia nos moldes das elites. (SOUSA, 2012, p.21).

Destarte, a escritora manifesta uma linguagem híbrida (FANIN e VILELA, 2014), que faz uso da tradição literária e da forma culta. A busca por uma linguagem formal é notória na escrita de Carolina Maria de Jesus, como podemos identificar nos trechos: “... na minha opinião os atacadistas de São Paulo se divertindo como o povo igual os Cesar torturava os cristãos, só que o César da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé e nós, pela fome.” (JESUS, 1960, p.129), “[..] vocês são incultas não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela.” (JESUS, 1960, p.17), “... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.” (JESUS, 1960, p.25), “... A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.” (JESUS, 1960, p.28). A autora também, utiliza da linguagem empregada

pelos membros da favela que faziam parte do ambiente letrado, é o que SOUSA (2012) chama de linguagem fraturada: “A linguagem fraturada de Carolina deve ser entendida pelo que de fato é: a tentativa de uma pessoa das camadas subalternas de dominar os códigos da cidade letrada”. (SOUSA, 2012, p.21). Exatamente o que se traduz em encantamento para os apreciadores de sua obra é o que se torna empecilho para a aceitação de seus opositores. A escrita de Carolina se sustenta, pois há uma ligação estreita entre o canônico e o não-canônico. (SOUSA, 2012).

Para que seu livro *Quarto de Despejo* fosse publicado, algumas alterações foram necessárias, “uma revisão em relação à pontuação, ortografia, vocabulário e termos recorrentes” (PERPÉTUA, 2003, p. 64) porém, isso não foi capaz de retirar sua essência, que era mostrar os relatos e visões sobre o mundo de uma mulher que vivia na favela e que se considerava escritora. Percebe-se, então, que é preciso romper com os padrões impostos para que as minorias encontrem espaço para que sua voz possa ser ouvida.

Carolina Maria de Jesus, para conquistar seu espaço, teve que lidar com diversas questões, não apenas por ser pobre, mas também por ser mulher e negra. Todos os aspectos étnico-sociais ecoam em sua escrita e a deixam cada vez mais distante do cânone literário, como DALCASTAGNÉ (2012, P.13) ressalva

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade.

Assim sendo, a literatura deveria ser o espaço em que todos, independentemente de classe social, cor ou gênero, encontrariam um lugar para que suas vozes se fizessem ouvidas. Carolina Maria de Jesus acreditava nessa máxima, e por isso dedicou sua vida a literatura, abstendo-se até mesmo de um casamento por amor à literatura:

(...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 1995, p.44)

A autora reconhece o poder e a importância da escrita. Embora a literatura por ela produzida fosse questionada pelos literatos da época, é evidente o valor estético, poético, a denúncia e a linguagem única que a autora desenvolve em sua obra, e “Carolina Maria de Jesus se valeu da escrita como forma de comunicação com o mundo e a sua obra principal é arquitetada sob a forma de um diário de viés autobiográfico.” (FANIN e VILELA, 2014, p.11) revelando a luta da escritora pelo seu reconhecimento como tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso admitir que há ainda um longo percurso a trilhar no sentido de incluir as diferentes formas de produção no seleto espaço da publicação. Para além do caráter elitista embutido no mercado editorial, somam-se aspectos restritivos presentes no estímulo ou cerceamento da escrita: classe social, domínio da variedade formal, cor, sexo. São muitos os obstáculos a serem vencidos até que um escritor possa assim se autodeclarar e quiçá de sua obra tirar o próprio sustento.

Nosso estudo tem como intenção primeira iluminar a escrita carolineana por compreendermos que, entre os papéis os quais cabem à cultura acadêmica, está o de abrir espaço e proporcionar a divulgação de textos pouco conhecidos ou ainda vitimados por algum tipo de preconceito. Como discorrido ao longo deste artigo, compreendemos que o espaço acadêmico não pode ser mais um dos empecilhos, ao contrário, deve ser mais uma arma na luta contra o preconceito e a marginalização.

Ressaltemos que no percurso deste estudo nos propusemos a comprovar a literariedade do texto carolineano e a confirmar que, por meio da escrita autobiográfica, a autora delimita claramente seu lugar de fala – mulher, negra e pobre – absorvendo esses aspectos identitários de modo a revelar-se consciente de seu lugar no mundo e dos problemas a que estarão sujeitos àqueles que, como ela, fazem parte de um ou mais grupos de subalternidade.

A autora Carolina Maria de Jesus em sua escrita autobiográfica não representa apenas a voz de milhares de mulheres que estão na mesma condição que a sua. Sua escrita encontra eco na ausência de recursos financeiros e de oportunidades profissionais que se abatem sobre significativa parcela da sociedade, independente de seu sexo. No entanto a palavra de Carolina Maria de Jesus é de resistência ao sistema hegemônico, de questionamento. Ela não sucumbe às adversidades, ao contrário, ela transgride as barreiras que poderiam impedi-la de alçar seu voo no mundo da literatura.

Por meio de sua literatura ela possibilita a visibilidade de grupos etnicamente e socialmente desfavorecidos e faz com que sua literariedade, mesmo questionada, seja transformada em instrumento de denúncia social, colocando em destaque sujeitos que são despercebidos para muitos. A autora é socialmente subalternizada, porém essa condição não a impede de trazer à luz seus interesses e sua visão sobre o mundo, ela representa mulheres negras e faveladas, mas também representa a emergência que essas pessoas podem ter pela literatura.

A escrita de um livro é para Carolina de Jesus sua própria existência, é a possibilidade de dar voz a ela e a outros, é se fazer conhecida e distanciada do *status* de invisibilidade que outrora fora a ela concedido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus literário

JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo**. São Paulo: Edição Popular, 1960.

Obras de apoio teórico-crítico

ARRUDA, Aline Alves. Dr. Silvio e sua inserção no projeto literário de Carolina Maria de Jesus. In: Seminário Internacional Mulher e Literatura, 7. 2015 Caxias do Sul, RS. **Anais...** Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. P-77-83. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/anais-seminario-mulher-literatura2015_2.pdf. Acesso em: 20 de jun.2019.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.

CARNEIRO, Marlene Miler; MACIEL, Sheila Dias. Considerações sobre o discurso da memória em *Se a memória não me falha* de Sylvia Orthof. In: GUERRA, Vânia Maria

Lescano (Org). **Olhares interdisciplinares na investigação sobre a linguagem**. Cáceres: UNEMAT, 2005, p.72-79.

CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto. Narrativa autobiográfica: um gênero literário? In: _____(Orgs). **Narrativas do Eu a memória através da escrita**. Bauru: Canal6, 2009, p. 9-22.

DALCASTAGNÉ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@ I: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, v. 2, p. 11-15, 2012.

_____. Nas tripas do cão: a escrita como espaço de resistência. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 29, p. 55-66, jan./jul. 2007. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/issue/view/264>.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **IPOTESI-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, v. 13, n. 2, 2009.

DUARTE, Constância Lima. Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. **Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural**, v. 1, n. 1, p. 76-86, 2011.

FANIN, Angela Maria Rubel. VILELA, Carla Prado. A centralidade da linguagem e do trabalho em *Quarto de Despejo*. **Revista Línguas&Letras-Unioeste-**, v.15, n.29, 2014.

HERVOT, Brigitte; Savietto, Maria do Carmo. A escrita autobiográfica. In: CARLOS, Ana Maria. ESTEVES, Antonio Roberto (Orgs). **Narrativas do Eu a memória através da escrita**. Bauru: Canal6, 2009, p. 23-36.

LÉON, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. 2001. **La ventana**, (13), 94-106. Disponível em: <http://publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/laventana/Ventana13/vetana13-4.pdf>
Acesso em: 19 de julh.2019.

MAN, Paul de. **Autobiografia como Des-figuração**. Tradução de Joca Wolff. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/autobiografia.html#.Xcm1pFVKjIU>.
Acesso em: 15 de outubro de 2019.

MAZZONI, Vanilda Salignac. A escrita feminina: em busca de uma teoria. **Revista Ramal de Idéias**, p. 10, 2017.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 49, p. 19-32, set/dez 2016.

PERPÉTUA, Elzira. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 22, p. 63-83, 2003.

MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro et al. **Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector: representações do feminino na literatura brasileira contemporânea**. 2017.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora, jul./dez. 2011, n.2-Especial, p.31-39.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOBRE AS AUTORAS:

Karen Alves Domingos.

Graduada em Letras - Português/Inglês na Universidade Estadual de Goiás (UEG) unidade universitária de Iporá. Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Enquanto participante de Iniciação Científica realizou pesquisas sobre: " Formação de professores de Língua Materna e Língua Estrangeira". E também desenvolveu pesquisas na área de Leitura literária, identidade e subalternidade. Atuando principalmente nos temas: literatura, gênero e subalternidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0248060944597477>.

Fabiana Souza Valadão de Castro Macena.

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2017) e mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2012). Atualmente é professora de língua portuguesa - Secretaria da Educação de Goiás, professora de Interpretação Textual - Colégio Simbios, professora de curso de pós-graduação Lato Sensu em Educação, Arte e Cultura e professora efetiva de Orientações para a Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual de Goiás - Iporá, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativa, relações sociais, sensualidade, amor, história, literatura, gênero e subalternidade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6940212975901089>.

**Recebido em novembro de 2020.
Aceito para publicação em abril de 2021.**